



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

Luiz Henrique de Oliveira

**A casa é grande, mas meu quarto fica entre a cozinha
e a servidão**

PERFIL JORNALÍSTICO SOBRE A TRAJETÓRIA DE UMA TRABALHADORA DOMÉSTICA
NO BRASIL

Brasília
2023



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

A casa é grande, mas meu quarto fica entre a cozinha e a servidão

**PERFIL JORNALÍSTICO SOBRE A TRAJETÓRIA DE UMA TRABALHADORA DOMÉSTICA
NO BRASIL**

Luiz Henrique de Oliveira

Memorial apresentado à banca examinadora da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo. Orientadora: Profa. Dra. Kelly Tatiane Martins Quirino.

Brasília
2023

"Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executou, é a senha pela qual eu acesso o mundo"

Conceição Evaristo

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha mãe, Ana Paula da Silva, por ter escolhido, mesmo que jovem e sem oportunidades, me trazer a vida. A sua dedicação, acolhimento e, acima de tudo, amor fizeram eu chegar até aqui. Agradeço por todas as horas que precisou trabalhar duramente para nunca deixar faltar nada, além de sempre colocar a minha educação como prioridade. A Marlucy Ferreira de Medeiros, que mesmo com tantas contradições, contribui para a minha formação.

A todos os professores do período escolar que acreditaram no meu potencial. A Beatriz Ribeiro por apresentar pela primeira vez o que significava ter um amigo. Ao lado de sua família, encontrei o acolhimento necessário para enfrentar a dura rotina de estudar para o vestibular. Agradeço ao projeto de extensão SOS Imprensa por ter permitido um espaço no qual não sentisse vergonha dos meus textos.

As professoras Rafiza Varão, Suzana Guedes e Dione Moura por terem dado oportunidades de encontrar o meu potencial durante o período da graduação. A todos os amigos que fiz durante o período na UnB, Daniela Santos, Carla Moura, Larissa Lins e Carol Brito. Agradeço a Luana Lebazi pelo amor, risadas, choros, colos e comidas durante os anos que dividimos a moradia na Casa do Estudante. Aos profissionais que me deram a chance de dar os primeiros passos no mercado de trabalho. Em especial a Ana Paula Lisboa, Maria Eugênia e Rebeca Oliveira. Agradeço a todos os colegas e amigos que fiz nos estágios/trabalhos até aqui.

A minha orientadora Kelly Quirino por ter me apoiado e guiado durante a produção desse projeto, além de ter segurado a minha mão em todos os momentos difíceis. Agradeço a todas as trabalhadoras domésticas que me inspiram diariamente com as suas realidades. A todas mulheres e homens negros que lutaram bravamente para eu ter o direito de estar em uma universidade pública.

Por fim, agradeço a Universidade de Brasília e o ensino público por ter sido muito mais que um ambiente de formação, mas sim uma casa. Tive a oportunidade de transformar a minha vida. Desejo que as políticas de acesso e permanência ao ensino superior se ampliem para que cada vez mais histórias como a minha sejam habituais pelos corredores do ICC.

RESUMO

O projeto propõe desenvolver um perfil jornalístico que vai narrar a trajetória de uma trabalhadora doméstica no Brasil. Os que exercem essa atividade são mulheres negras ligadas ao passado escravocata e colonial. O formato escolhido foi o textual, focando na vivência de uma trabalhadora que viveu durante anos no mesmo local onde trabalhava. Entre as perguntas a serem desvendadas está a relação sinhá x escrava e patroa x doméstica. No país, há cerca de 6,2 milhões que exercem a profissão. Apesar de estarem cada vez mais escassos, os casos de mulheres que deixam os seus estados para trabalhar e morar em casa de família, ainda é uma realidade. O que aproxima o trabalho doméstico no campo da interseccionalidade: raça, gênero e classe. Ao final, o objetivo é que o projeto seja usado como portfólio e também é prevista a sua publicação em veículos de comunicação.

Palavras-chave: perfil jornalístico, trabalho doméstico, mulheres negras, escrevivência

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
TEMA	7
OBJETO DE COBERTURA	8
JUSTIFICATIVA	9
PAUTA	10
OBJETIVOS	11
ESTADO DA ARTE	11
REFERENCIAL TEÓRICO	14
METODOLOGIA	17
RESULTADOS ESPERADOS	19
REFERÊNCIAS	

INTRODUÇÃO

Presentes na arquitetura das residências de classes médias e altas brasileiras, o quarto, pequeno, deslocado do restante da casa, tem uma função: abrigar trabalhadoras domésticas que ali residem. Corpos influentes no dia a dia dessas famílias, mulheres, principalmente negras, exercem forte influência na construção do país. Responsáveis por limpar, passar, cozinhar e cuidar das crianças, as profissionais que moram no mesmo ambiente de trabalho refletem experiências similares às das mucamas do período colonial.

O trabalho doméstico no Brasil tem a sua herança ficada na época escravocrata. Se antes havia a figura da mucama, em que era destinado todo o trabalho reprodutivo, desde a cozinha e a limpeza da casa até a criação dos filhos e a satisfação sexual dos senhores, hoje o espaço é preenchido pelas trabalhadoras domésticas.

Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar (Pnad) de 2018, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), das 6,2 milhões de pessoas que exercem a profissão, 68% são mulheres negras. Figura central para o movimento das trabalhadoras domésticas é a atuação de Laudelina de Campos Melo.

A pioneira fundou a primeira Associação Profissional dos Empregados Domésticos de Santos, em 1936, que tinha como objetivo conquistar o status jurídico de sindicato, para assim conseguir os direitos trabalhistas.

Desde então, a luta por serem reconhecidas como trabalhadoras que exercem uma atividade como qualquer outra, faz parte da realidade dessas mulheres. O último grande marco veio com a PEC das domésticas” (PEC66/2012), da Emenda Constitucional 72 de 2013 e da Lei Complementar 150 de 2015, que as inserem na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

Com as conquistas, as trabalhadoras domésticas adquiriram o direito de ter uma carga horária de 44 horas semanais, salário mínimo e pagamento do décimo terceiro. Contudo, com o avançar da pauta, novas demandas surgem, como a precarização da atividade.

Portanto, a ideia de desenvolver um perfil jornalístico, sobre a trajetória de uma trabalhadora doméstica, perpassa todo esse contexto histórico, mas dialoga com a minha própria realidade. Ao definir o estilo perfil como proposta de projeto, me acolho dos textos e obras da escritora Conceição Evaristo.

A escolha em desenvolver um perfil surge da necessidade de narrar, mas, acima de tudo, possibilitar que voz dessas mulheres sejam ecoadas pelos cantos da universidade. Pois foi a partir do trabalho doméstico que tive a chance de estudar e entrar para o curso de graduação.

TEMA

Qual a distância que separa o quarto da empregada para a senzala? Como diferenciar o papel da mucama com o da doméstica? Para entender a maneira como o trabalho doméstico é constituído nos dias atuais, é preciso compreender o processo histórico no qual ele foi construído e perpetuado. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar (Pnad) de 2018, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), há cerca de 6,2 milhões de pessoas que exercem tal atividade no país. Desse número, 92% são mulheres e, entre elas, 68% são negras.

A partir desse cenário, é possível descrever o perfil da trabalhadora doméstica no Brasil. Pois de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), do total de mulheres negras que ocupavam o mercado de trabalho, em 2018, 18,6% delas exerciam essa função, enquanto a proporção cai para 10% quando se trata das brancas.

A reflexão que procura se iniciar com esse produto é que o trabalho doméstico está ligado a raízes do passado colonial escravista do país. Ao longo dos séculos, foi se constituindo a predestinação de mulheres negras ao trabalho doméstico. Assim, é possível analisar que o tema é permeado pela interseccionalidade de três eixos de poder: raça, gênero e classe (NOGUEIRA, 2017, p. 56).

O projeto se insere num contexto social, enraizado no período escravista, em que se constitui a prática pela elite e classe média branca de se ter uma mulher negra os servindo ininterruptamente.

OBJETO DE COBERTURA

O objeto deste produto é descrever a experiência de uma trabalhadora doméstica que viveu no mesmo local de trabalho a partir da construção de um perfil jornalístico da profissional. De acordo com dados do Ipea, de 2018, das mais 6 milhões de profissionais que exercem a profissão no país, 1% mora na casa dos patrões, ou seja, 60 mil mulheres.

O projeto foi desenvolvido entre dezembro e junho de 2023, a partir da elaboração da pauta, produção, no qual se constituiu a entrevista com a personagem, pós-produção, escrita e diagramação do perfil, e finalização do memorial descritivo.

A ideia principal foi unir os elementos do jornalismo à escrevivência, termo defendido pela escritora Conceição Evaristo. O principal plano de fundo é a história de uma mulher negra, que deixa o estado de origem em busca de uma realidade diferente. Contudo, a experiência de morar no mesmo espaço de trabalho, traz situações de abuso e exploração durante o período.

Natural de Recife, capital de Pernambuco, Ana Paula se mudou para o Distrito Federal ainda muito jovem. A falta de oportunidades durante a infância e adolescência, fez com que encontrasse o trabalho doméstico como uma alternativa para sobreviver.

Ao longo dos mais de 20 anos que vive na capital do país, já trabalhou em diversas residências como trabalhadora doméstica. Entre as experiências, relata momentos no qual precisou enfrentar abusos que remetem ao trabalho escravo análogo.

A dinâmica tinha como base a exploração do seu trabalho. Durante anos enfrentou abusos por aqueles que a consideravam como da família.

Desde que se mudou para Brasília, Ana Paula perdeu o contato com a família e amigos que deixou em Recife. Hoje ela continua como trabalhadora doméstica, mas como diarista e sem carteira assinada.

JUSTIFICATIVA

A ideia de abordar o tema do trabalho doméstico surge a partir de experiências pessoais. Sou filho de uma trabalhadora doméstica que exerce a profissão desde muito nova. Me motiva as lembranças que tenho de minha mãe, reclamando das dores e abusos que enfrentava no trabalho mas que, mesmo sofrendo, precisava continuar por ela e, acima de tudo, por mim.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar (Pnad) de 2018, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), há cerca de 6,2 milhões de pessoas que exercem tal atividade no país. Desse número, 92% são mulheres e, entre elas, 68% são negras.

O trabalho doméstico se estabeleceu como opção para milhares de mulheres negras a partir da falta de oportunidades e da possibilidade de uma vida plena. A história de minha mãe é bastante comum, no entanto, tem sido inviabilizada e negligenciada por aqueles que não a reconhecem.

A essas mulheres são destinadas sombras de um suposto afeto que é legitimado pela frase: “ela é da família”. Ao longo dos anos, convívio diariamente com essas trabalhadoras que deixam as suas casas ainda de madrugada, entram em ônibus lotados, para estarem pontualmente no horário marcado para servirem as ditas casas de família.

Ao longo da história, essas mulheres, em sua maioria negras, foram inviabilizadas ou tiveram as suas vivências retratadas de maneira estereotipada pelos veículos de comunicação.

Portanto, a proposta de escrever um perfil jornalístico sobre a realidade de uma mulher negra, trabalhadora doméstica, que viveu durante anos no mesmo lugar onde trabalhava, me estimula ao pôr em prática o que dizia a antropóloga e historiadora Lélia Gonzalez, “o lixo vai falar”.

PAUTA

Qual o lugar destinado às trabalhadoras domésticas? Por que ainda é necessário alguém à disposição para servir famílias durante 7 dias da semana? Há espaço para existir subjetividades morando no mesmo lugar que trabalha? A relação patroa x doméstica é diferente da sinhá x mucama?

Essas são algumas das perguntas que guiam o debate a respeito do trabalho doméstico no Brasil. Atualmente a necessidade é trazer o ponto de vista de quem vive realmente o dia a dia de ser uma trabalhadora doméstica

Nos últimos anos, a conquista de direitos, após anos de luta e reivindicação, trouxe a esperança mas, acima de tudo, a urgência de apresentar novas perspectivas sobre essa classe trabalhadora.

Por isso, a ideia em desenvolver um perfil jornalístico. Imergir na rotina de uma trabalhadora, que viveu anos no mesmo lugar em que trabalhava, é o caminho para que mais histórias como essas sejam reconhecidas.

A entrevistada viveu durante anos durante essas circunstâncias e tem uma trajetória que deve ser contada com a sua participação efetiva. O papel do repórter não será de um interlocutor, porém de instrumento para que ela possa narrar a sua vida. Um trabalho feito em conjunto. O quarto, minúsculo, escondido na parte mais afastada dos lares, não as pressionam mais.

OBJETIVOS

- **Objetivo Geral:** Descrever a vivência de uma trabalhadora doméstica e a sua relação com o racismo no Brasil.
- **Objetivo específico:**
 - Realizar a revisão bibliográfica;
 - Pesquisar nos jornais e revistas sobre o que já foi feito com o tema;
 - Analisar a relação do trabalho doméstico com o período escravocrata no país;
 - Compreender o elo que une mulheres negras ao trabalho doméstico;
 - Entrevistar a personagem e possíveis fontes;
 - Desenvolver um perfil jornalístico;

ANTECEDENTE

A luta pelo reconhecimento do trabalho doméstico tem décadas. Joaze Bernardino Costa, explica no artigo Controle de vida, interseccionalidade e política de empoderamento: as organizações políticas das trabalhadoras domésticas no Brasil, que o movimento teve início em 1936 a partir da criação da Associação Profissional dos Empregados Domésticos de Santos, por Laudelina de Campos Melo.

Ao decorrer do texto, o autor expõe todo um movimento histórico dessas mulheres para a consolidação de direitos. Costa evidencia a relação de classe e raça dentro da luta das trabalhadoras, com o apoio de instituições como a igreja e os movimentos negros.

Julia Araujo Lopes, descreve no artigo Quem Pariu América?: trabalho doméstico, constitucionalismo e memória em pretuguês, a contribuição da instituição familiar na ideia social a respeito das trabalhadoras domésticas.

A figura da família está no centro da legislação que disciplina o emprego doméstico no Brasil. Descreviam suas próprias empregadas “como se fossem da família”, a partir de uma narrativa de afeto, benevolência e proteção do espaço privado, que teve como efeito a negação de suas demandas por igualdade e profissionalização (ARAÚJO, 2020, p. 98)

O artigo de Tamis Porfírio Costa Crisostómo Ramos Nogueira, intitulado de Mucama Permitida: a identidade negra do trabalho doméstico no Brasil vai de encontro com a proposta apresentada por Juliana. Nele, a autora faz um paralelo com o período escravocrata com a situação atual.

As trabalhadoras domésticas negras brasileiras representam uma forma de emprego que ainda carrega muito fortemente as relações de servidão reservadas a estas mulheres desde a colonização, antes como trabalho escravo, agora como trabalho remunerado. Ainda hoje é difícil reconhecer quando foi estabelecida essa linha divisória. (NOGUEIRA, 2017, p. 48)

A realidade das trabalhadoras domésticas foi representada no cinema por meio do filme Que Horas Ela Volta? O longa dirigido pela diretora Anna Muylaert, protagonizado por Regina Casé, foi lançado em 2015 e teve bastante repercussão por trazer para primeiro plano a vivência de uma doméstica. A narrativa é contada a partir da Val que muda para São Paulo com o intuito de ter melhores condições de vida para a filha pequena, Jéssica. A protagonista passa a viver na mesma casa em que trabalha,

mas todas as dinâmicas se alteram quando a garota chega na casa já adulta. O filme é um retrato social da sociedade brasileira contada a partir do ponto de vista da cozinha. A dinâmica de relações continua sendo a mesma da época colonial. O que se altera é apenas a nomenclatura.

Outro produto audiovisual que se propõe a apresentar a realidade de uma trabalhadora doméstica é o filme ROMA. A história se passa no México, em 1970, e acompanhamos a rotina de Cleo, que trabalha como babá e doméstica para uma família de classe média. O longa foi escrito e dirigido por Alfonso Cuarón a partir das memórias de sua infância.

No que diz a respeito do jornalismo, as trabalhadoras domésticas já foram pautas em diferentes veículos de comunicação. A reportagem especial “Sem registro, sem direitos: trabalho doméstico muda, tem mulheres mais velhas e sem carteira e deve ficar mais caro”, escrita por Lucas Borges Teixeira, para o portal de notícias UOL, traz o perfil e as características atuais sobre o tema.

O repórter se baseia nos dados do IBGE para compreender como as mudanças no país afetaram a categoria nos últimos anos. Um dos fios condutores da pauta é a conquista da PEC das Domésticas e como ela alterou o cenário.

Ao longo da reportagem, conhecemos histórias de mulheres que vivem no dia a dia a luta de ser uma trabalhadora doméstica no Brasil. Além de apresentar perspectivas futuras para a área, pois com avanço no acesso à educação, cada vez mais mulheres negras estão conseguindo romper com as barreiras e encontrarem novas possibilidades de trabalho.

REFERENCIAL TEÓRICO

O perfil jornalístico se constrói a partir de uma narrativa que prioriza o personagem. Por ser mais detalhado, o texto perfil traz à tona os valores, motivações, receios, lados luminosos e sombrios do perfilado. Apesar do texto ser sobre o perfilado, é a sensibilidade jornalística que determina o enfoque que a matéria terá. (PERASSOLLO, 2018, p.14).

Para se ter um perfil satisfatório é importante estar atento no processo de entrevista do personagem. Pois é nesse momento que o repórter poderá anotar gestos, emoções e o ambiente que o entrevistado permeia, para assim inserir o leitor na história.

Na composição dos perfis, é importante descrever a marca pessoal de cada um dos perfilados. Como eles contam as histórias, como se comportam com o corpo, o ambiente em que estão inseridos, o olhar e outros fatores que possam ajudar o jornalista a compor a narrativa de forma fluente e clara. (PERASSOLO, 2018, p.15)

Durante a parte da cena a cena em observar atentamente os detalhes em que o personagem está inserido. A partir desse olhar, o repórter conseguirá colocar o leitor na realidade apresentada. O jornalista narra o que enxerga, situando o leitor em um cenário. Seria difícil – embora não impossível, havendo criatividade – escrever um bom perfil de jornalismo literário sem ter estado na presença da fonte. (FREITAS E SOUZA, 2018, p. 230).

No que se refere ao diálogo, o importante é tirar o máximo de informações possíveis do perfilado. O diálogo realista envolve o leitor mais completamente do que qualquer outro recurso (WOLFE, 2005, p. 54).

Enquanto no ponto de vista diz a respeito da forma como o repórter irá escrever a história do personagem, dependendo da escolha pode ditar como o público se relaciona com o texto. O uso da terceira pessoa é o artifício com o qual se deve trabalhar.

Apesar de optar pela terceira pessoa, privilegiando o ponto de vista dos personagens da história, o repórter não deixa a própria perspectiva de lado e chega até a expressar sua opinião ao longo da narrativa (FREITAS E SOUZA, 2018, p. 235).

Por fim, o detalhe. A última etapa é a mais importante, pois como o nome já diz está ligado à riqueza de informações e elementos que irá incluir o leitor na história. O detalhe não pode ser inserido na reportagem com o intuito de adornar a narrativa: todos devem cumprir uma função (WOLFE, 2005).

Os estudos sobre o gênero perfil são escassos. Num país que começou a escrever esse tipo de texto apenas a partir da década de 1960, com o advento de revistas como Realidade, não é de se surpreender que as reflexões sobre a prática especializada chegasse à academia apenas em publicações da década de 1980 (AMATE, 2013, p. 11)

METODOLOGIA

A presente pesquisa desenvolveu a produção de um perfil jornalístico entre os meses de fevereiro a junho de 2023. O projeto foi dividido em três partes, que englobam a pré-produção (concepção), apuração e pós-produção

Pré-produção

A etapa de pré-produção consiste na concepção e planejamento do produto. Desenvolver um produto a respeito do trabalho doméstico dialoga com a necessidade em apresentar novas narrativas para o âmbito do jornalismo/comunicação. A atividade é exercida há muitos anos, no entanto, a essas trabalhadoras, são negadas o lugar de protagonismo, respeito e direitos perante a sociedade brasileira.

Ao longo das décadas, autores e pesquisadores desenvolveram trabalhos sobre o tema construindo um cenário que identifica a relação intrínseca da prática com a construção social do Brasil. Identifico a contribuição da intelectual Lélia Gonzalez que compreende a interseção entre raça, gênero e classe como base para entender o trabalho doméstico no país.

Ao delimitar o assunto, me deparei com a necessidade de escrever sobre a realidade de trabalhadoras domésticas que vivem na residência onde trabalham. Hoje, a dinâmica está em menor número, cerca de 1% ainda se encontra nessa situação.

A partir deste recorde, pretendo traçar um paralelo entre as realidades das mucamas (negras escravizadas) com as trabalhadoras domésticas. Assim a procura por personagens que ilustrassem a narrativa foi mais fácil, pois convívio diariamente com mulheres que exercem a profissão. Em uma conversa conheci a história de Ana Paula. Moradora do Distrito Federal há mais de 20 anos, a trabalhadora viveu durante anos sob o mesmo teto dos padrões e relata diversas situações de abuso e negligência de direitos.

A ideia é conviver com ela para conhecer a sua história e realidade. O perfil jornalístico será voltado para o público que tem interesse e consome esse tipo de material. A linguagem adotada busca ser simples, mas com o apoio da literatura, a partir da perspectiva da Escrivivência, termo criado pela

escritora brasileira Conceição Evaristo, a fim que o leitor se aproxime da realidade ali exposta. No geral, revistas semanais ou mensais têm espaços destinados a esses textos mais longos, como a Piauí.

Produção

Essa fase abrange a pesquisa em relação ao tema que cerca o produto; elaboração da pauta, assim como as perguntas a serem feitas a personagem;

a entrevista, que será feita com a personagem; a pesquisa, será feita em materiais impressos, de arquivos (vídeos, áudios), e pesquisa de campo. Pretende-se ficar ao menos 15 dias com a entrevistada para acompanhar a rotina conversar sobre a sua história.

Pós-produção

Após o período de imersão, começa a etapa de decupagem de todo o material coletado da entrevista. Para em seguida iniciar a elaboração do texto. Esses últimos serão desenvolvidos com ajuda de software especializados.

Com o material pronto, é estimado que a sua publicação seja feita em alguma revista impressa. Além da disponibilidade para a banca examinadora.

CRONOGRAMA	
Fevereiro	Pesquisa
Março	Entrevistas e decupagem
Junho	Escrita
Junho	Edição
Julho	Entrega do material

Conclusão

Com a produção deste projeto, pude compreender ainda mais a vivência de trabalhadoras domésticas no país. A falta de direitos e dignidade básica fazem parte da rotina dessa classe, contudo, a luta estabelecida por elas têm reverberado em mudanças significativas. Desejo que este perfil toque o coração daqueles que nunca tiveram acesso intimamente a realidade dessas mulheres. Além daqueles, que, assim como eu, têm mães ou familiares nessa profissão. Que nos orgulhamos.

REFERÊNCIAS

- LOPES, Juliana Araújo. Quem pariu a América?: trabalho doméstico, constitucionalismo em memória em pretuguês. Artigo presente na Revista Brasileira de Políticas Públicas. Gênero, Raça e Direitos - Articulações Empíricas e Epistemológicas. Volume 10 nº 2. Agosto de 2020.
- PERASSOLLO, Isabella Marão. Profissão dona de casa. Livro-reportagem perfil. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista – UNESP. Bauru, 2018.
- COSTA, Joaze Bernardino. Controle de vida, interseccionalidade e política de empoderamento: as organizações políticas das trabalhadoras domésticas no Brasil. Estudos Históricos (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 26, n. 52, p. 471-489, dez. 2013.
- RARA, Preta. Eu, empregada doméstica: a senzala moderna é o quartinho da empregada. Belo Horizonte: Letramento, 2019.
- FREITAS, Camila; SOUZA, Kátia Regina. Jornalismo e Literatura: a construção de perfis de celebridades na revista Rolling Stone. Letras Escreve, volume 8, nº 1, p.219-240, 2018
- CARRARO, Renata; KÜNSCH, Dimas Antônio. Notas Compreensivas sobre o Perfil Jornalístico como Gênero. In: 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2020.
- AMATE, Elisson Tiago Barros. Perfilar coisas: o inumano no centro da narrativa jornalística. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Brasília, 2013.
- NOGUEIRA, Tamis. Mucama Permitida: a identidade negra do trabalho doméstico no Brasil. Cadernos De Gênero E Diversidade. p. 47–58, 2017.
- TEIXEIRA, Lucas Borges. Sem registro, sem direitos. UOL Economia, São Paulo. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/reportagens-especiais/trabalho-domestico-diaristas/#cover>. Acesso em: 30/04/2022.

NAÍSA, Leticia. Quase da família. TAB UOL, São Paulo. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/edicao/domesticas/#cover>. Acesso em: 30/04/2022

FILMES:

Que horas ela volta, dir. Anna Muylaert, 2015.

ROMA, dir. Alfonso Cuarón, 2018.

A CASA É GRANDE, MAS MEU QUARTO FICA ENTRE A COZINHA E A SERVIDÃO

O trabalho doméstico no Brasil é uma realidade desde a época colonial. Com ares íntimos e abusadores, mulheres, principalmente negras, exercem essa atividade no país

LUIZ OLIVEIRA

É véspera de natal. Despertador toca por volta das 6 horas da manhã. Levanto ainda atordoado de sono. Finalizo os últimos detalhes para ir em direção ao meu destino. Às 7h30, já estou na Rodoviária do Plano Piloto à espera do ônibus 3001 que fica na parte reservada às cidades que cercam a capital federal. O movimento é pequeno. As lojas não abriram e os ambulantes chegam aos poucos.

Na fila, observo todo o tipo de gente; uns com sono, outros conversando, os que fumam, os em silêncio, mas há algo que os liga: a vontade de chegar em casa. A rotina da maioria dos moradores dessas regiões ocorre no Distrito Federal, mas as oportunidades, ou falta delas, os fazem migrar todos os dias para o centro do poder brasileiro. O motorista entra e o cobrador anuncia que é hora de partir. Sento no banco ao lado da janela. O sol ainda está no começo, os raios não incomodam a ponto de queimar. O motor liga e a caminhada para o destino final começa.

Com sono, presencio a trajetória pela via, o famoso eixão, com as árvores e prédios que abrigam os lares das famílias abastadas da cidade. Os que estão nesse ônibus trabalham para essas pessoas. Fazem parte da paisagem "natural" do dia a dia daqueles que a defendem como a "cidade perfeita". Mas quando chega a hora, a famosa hora, todos devem retornar para onde vieram e, assim, a estrutura se mantém funcionando. Ao sair do plano, do centro, as imagens de fora começam a mudar.

Saem de lado o planejado milimetricamente e entram as diferenças. Até o destino final, o ônibus percorre cidades-satélites, como Núcleo Bandeirante, Taguatinga, Gama e Riacho Fundo.

Adormeço durante o restante do caminho. O barulho me acorda e anuncia que estou próximo do fim. O contraste entre as cidades só espanta aos desavisados. Logo na entrada, percebe-se que não estamos mais em Brasília. Um santo nos recebe, cujo nome abençoa a região: Santo Antônio que foi Descoberto. Cerca de 47 km separam a região do Distrito Federal.

Desço, o sol já está quente, o suor escorre pelo corpo. As ruas estão cheias, todos em busca dos últimos presentes e ingredientes para a ceia de logo mais. Meu destino final ainda não se concretizou. Espero uma van que circula pela cidade, porém sou avisado que elas não estão rodando, pelo menos não oficialmente. O que há é uma espécie de transporte pirata que tomou conta após o prefeito brigar com a empresa responsável. Contudo, não há o que fazer, apenas esperar pela ação desses trabalhadores. Minha anfitriã já está à minha espera. Não tem como voltar atrás. Enfim, a lotação chega e logo enche.

O caminho não é o mesmo feito pelas ruas de Brasília. A falta de asfalto e sinalização dificultam o trajeto. Como uma espécie de montanha-russa, somos levados a cada parada. Chegou a minha vez. De longe, observo a mulher que irá me receber em sua casa.

Ao descer e ela já se prontifica em ajudar com a minha mala. Digo que não há necessidade, mas insiste. Antes de caminharmos até a casa, me dá um abraço demorado e caloroso. Retribuo e ficamos ali por um tempo. Pelo caminho, compreendo o comentário quase consensual de que a cidade foi abandonada e esquecida pelos governantes. Ruas esburacadas, lixo e falta de pontos de lazer são alguns dos principais problemas listados por Ana Paula da Silva, moradora há mais de 10 anos de Santo Antônio do Descoberto.

Entro em sua casa, o imóvel é simples, com telhas sobre o teto, o chão sem revestimento, as paredes pintadas em uma mistura de verde e cinza.

Na entrada, uma sala pequena, que leva em direção aos dois quartos, cozinha e banheiro. O terreno é grande, nos fundos, uma árvore de jabuticaba floresce em meio a dificuldades. O espaço foi cedido, estilo de modalidade vivido por Ana Paula desde que chegou a Santo Antônio.

Sou acolhido com um copo d'água. Sento na mesa da cozinha e a observo finalizar os últimos detalhes do jantar de natal. "Nada de fartura, mas agradeço a Deus por ter o que comer nessa noite", conta com um sorriso no canto da boca. Mas nem sempre foi assim, Ana Paula teve uma infância dura na qual, em vários momentos, a falta de alimentos era uma realidade do dia a dia.

Sua origem não é goiana, tão pouco brasiliense, nasceu em Pernambuco, mais precisamente no Recife. Filha mais velha de 9 irmãos, teve que ir para as ruas desde pequena como uma forma de ajudar em casa.

"Minha mãe não tinha o que nos dar para comer. Então, ela nos mandava pedir no sinal e nas portas das casas. Nunca vou esquecer, por isso valorizo o que tenho, mesmo que seja pouco", lembra.



A trabalhadora ao lado do filho nos cultos que frequentaram na Igreja Adventista do Sétimo Dia

A mãos calejadas e o corpo cansado entregam os sinais deixados pelas marcas da vida que teve. Sem oportunidade para estudar, começou ainda jovem a trabalhar em "casas de família". Fazia de tudo: lavar, cozinhar, passar e cuidar das crianças, mesmo ainda sendo uma. Foi a partir de uma amiga que conheceu os futuros patrões que teriam importante papel em sua história.

Sem carteira assinada, Ana Paula da Silva passou a fazer parte da rotina do apartamento 203, localizado no bairro de Piedade, em Recife. Os amigos e família via cada vez menos, só quando a mãe a procurava pedindo algum dinheiro. A vida passou a ser quase integralmente dedicada aos Medeiros.

"Eu tinha por volta de 16 anos quando fui para a casa da Marlucy. Ela precisava de alguém para limpar e ajudar na cozinha, pois trabalhava fora. No começo, eu ainda não morava lá, ia e voltava para minha casa, mas depois veio o convite para ficar direto", conta.

Foi próximo aos 20 anos de idade que a vida da trabalhadora doméstica teve uma nova reviravolta. Ao passar a ajudar a patroa no negócio de aluguel de bóias, na praia, ela conheceu Marcos. Alguns anos mais velhos (Ana Paula não lembra ao certo a idade do rapaz, mas acredita que tinha uns dois anos a mais), o jovem a conquistou e começaram um breve romance.

Quando a criança nasceu, em setembro de 1998, Ana Paula deixou de receber a pequena quantia pelo trabalho que exercia. "A Marlucy me disse que, como o bebê nasceu e eu morava com ele lá, não ia mais me pagar". Com o recém-nascido, a trabalhadora continuava a exercer as obrigações da casa.

Por volta do início dos anos 2000, recebeu a notícia que a família toda se mudaria para Brasília. Sem muitas perspectivas e apoio na cidade, decidiu que iria com eles. "Eu achava que teria mais oportunidades, principalmente para o meu filho. Não tinha com quem contar em Recife. Fiquei com muito medo de voltar a enfrentar as necessidades. Não queria isso para ele".

Assim, a jovem Ana Paula deixa Recife em busca de uma realidade menos sofridora. Como em um processo de diáspora, a trabalhadora negra chega a Brasília carregando no colo o sonho de um futuro próspero.

O preparo

Os afazeres para o jantar de natal continuam. Ofereço ajuda para contribuir nos preparos, mas Ana Paula recusa. A trabalhadora pede um tempo para retornarmos à conversa. A deixo na cozinha e sigo rumo a sala. O espaço contém dois sofás, protegidos por uma capa florida, estante, que abriga uma televisão antiga e porta-retratos, além de aparelhos sonoros do marido, apelidado de Zezinho.

Contudo, o que mais chama a atenção é um enorme quadro pendurado na parede. A fotografia referenciada com orgulho é a do filho. Na imagem, um menino negro, marrom cor da terra, com olhos escuros, cabelo curto, braços cruzados, vestindo um uniforme escolar. Remete a ter por volta dos 13 anos de idade. O jeito tímido, acanhado, o sorriso que esconde os dentes, e o rosto para baixo, como se parecesse estar com vergonha, lembram o da mãe.

Ana Paula me encontra na sala e relembra os motivos que a fizeram se afastar da criança durante anos. Recém-chegada em Brasília, a jovem foi morar com os patrões no Guará, cidade-satélite do Distrito Federal. Após deixar a terra natal, perdeu contato com todos os parentes e amigos que permaneceram em Recife. O único vínculo sanguíneo era o pequeno.

Com o menino, dormia em um quarto minúsculo atrás da cozinha. A trabalhadora lembra que o espaço era muito abafado. "Eu fazia tudo na casa. Não tinha um horário fixo, sempre que precisavam, tinha que estar disponível", conta. A rotina tornou-se cada vez mais difícil com o acréscimo do pai da família. Durante o período que moraram em Recife, o homem não fazia parte do dia a dia da casa. Ele já estava em Brasília e retornava apenas nas férias.

"O Marconi era muito ruim para mim. Ele bebia sempre. Chegava tarde em casa e reclamava de tudo. A nossa convivência foi horrível. Era até agressivo", detalha. Assim, Ana Paula procurou uma forma de ficar menos em casa. A religião surgiu como uma válvula de escape para o sofrimento. Começou a frequentar os cultos e programações da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

A novidade não foi vista com bons olhos pela família Medeiros, pois a doméstica começou a não ficar mais disponível para os desejos imediatos dos patrões. Paralelamente, o filho crescia na casa com o aspecto de como se fosse da família. Madrinha do pequeno, Marlucy passou a ser chamada de "mainha" pelo jovem. De acordo com Ana Paula, o vínculo em relação à criança crescia assim como as brigas.

"CHEGOU UM MOMENTO QUE EU NÃO AGUENTAVA MAIS MORAR LÁ. QUERIA TER O MEU PRÓPRIO CANTO COM O MEU FILHO. MAS ELES NÃO QUERIAM DEIXAR EU LEVAR ELE. EM UMA DAS DISCUSSÕES, CHEGARAM A TRANCÁ-LO NO QUARTO IMPEDINDO QUE FOSSE EMBORA COMIGO", RECORDA. O CHORO, QUE ATÉ ENTÃO NÃO HAVIA APARECIDO, ESCORRIA PELO ROSTO DA TRABALHADORA ENQUANTO FALAVA DO MOMENTO.

A ceia

A noite se aproxima, o companheiro de Ana Paula se juntou a nós. Antes do jantar, a trabalhadora vai tomar um banho. Ao sair, me deparo com uma mulher vaidosa, que se cuida e ama produtos para pele. Mesmo com as adversidades, ela compartilha que nunca deixou de se cuidar. "Gosto muito de um creminho, perfume, arrumar o cabelo... Maquiagem, eu não sou muito fã, não tenho o hábito, mas o resto, não deixo faltar", brinca.

Antes de sentarmos à mesa para comer, Ana Paula recorda o início da relação com José, o Zezinho. Após inúmeras tentativas de sair da casa dos Medeiros — chegou a morar sozinha com o filho por um curto tempo, mas acabava retornando —, a trabalhadora conheceu aquele que seria o responsável por deixar o ciclo vicioso. "Eles decidiram construir uma casa. Foi durante as obras que o Zezinho chegou em minha vida. Trabalhava como pedreiro. Me encantei e iniciamos um relacionamento", diz.

A trabalhadora começou a ir à casa de José em Santo Antônio do Descoberto. Nesse período, além dos Medeiros, dividia-se entre outros dois empregos, ambos como doméstica. Uma jornada tripla. O filho crescia em meio a oportunidades que Ana Paula jamais imaginou para si, mas se dedicava em oferecer para ele. "Foi muito difícil quando decidi que queria me mudar com o Zezinho, pois sabia que o meu filho não teria as mesmas oportunidades aqui".

Assim, Ana Paula escolheu deixar o filho com os padrões na perspectiva de que ele teria um futuro melhor. Nesse momento, a trabalhadora chora com um misto de vergonha e alívio. As lágrimas pareciam entaladas há anos. "Eu não queria, mas não tinha como oferecer o que eles davam. Ele estava estudando, tinha uma casa, comida, roupas, um conforto. Guardo essa dor comigo, foi como se tivesse o abandonado".

A vida não continua fácil, aos 45 anos, Ana Paula nunca teve a carteira de trabalho assinada. As atividades que antes fazia com facilidade, hoje se tornaram pesadas. "As pessoas acham que é algo mole, mas vai limpar, cozinhar e passar todos os dias numa casa de três andares. To ficando velha.

Não estou dando conta mais", evidencia. A falta de oportunidades também é um dos motivos. Segundo a trabalhadora, as empregadoras não querem pagar o valor das passagens das diaristas que moram em cidades do entorno pelo preço alto das passagens. Assim, precisou encontrar pequenos "bicos" na cidade.

A maioria das casas em que Ana Paula passou a trabalhar são chefiadas por outras domésticas, mas que tem Brasília como local. "Recebo muito pouco. Uma conhecida da igreja precisa que eu cuide da criança e arrume a casa enquanto ela está fora.

Nunca dura muito porque elas não conseguem manter a quantia". Hoje, a trabalhadora está desempregada, a única renda que mantém vem de auxílios do governo, como o Bolsa Família. O companheiro também se encontra na mesma situação. Contudo, há muitos motivos para se orgulhar, todos, ela diz, vem do filho.

Meia noite

Meia noite. O natal chegou. Cristo nasceu. Na cozinha, ajudo Ana Paula na limpeza dos pratos e panelas da ceia. Antes de nos deitarmos, ela conta com orgulho o resultado da decisão mais difícil que precisou fazer. Mesmo afastada fisicamente durante anos do filho, sempre tentava se manter presente na vida do menino. Após deixar a casa dos Medeiros, a trabalhadora seguiu com a área doméstica como forma de renda.

Entre empregos mais duradouros e outros corriqueiros, preferiu a modalidade de diarista como prática. "Estava ficando cada vez mais pesado trabalhar em um único lugar. Cansei de ficar sofrendo humilhação dos outros. Além de não poder voltar para casa, que mesmo não sendo minha, é onde sei que posso fazer o que quiser", conta.



Noite de véspera de natal. Ana Paula revela está emocionada com a data

Hora de partir

O dia nasceu. A atmosfera de Natal está em todos os cantos. Na rua, não se ouve barulhos, há uma espécie de consenso em que todos permanecem em um estado de preguiça e com vontade de devorar o que sobrou da ceia. Acordo e vou direto para a cozinha. Lá está Ana Paula preparando o café.

O cheiro toma conta da casa. A cada gole na xícara, a trabalhadora lembra o dia que o filho a ligou chorando, mas que já sabia o motivo. "Não precisou ele me dizer nada, eu só disse que o amava e o protegeria sempre". A conversa, sem muitas palavras, apenas acolhimento, era sobre a sexualidade do filho. O jovem contou à mãe que era gay.

Ana Paula conta que tem muito orgulho das conquistas do filho. O rapaz deixou a casa dos Medeiros ao se formar no ensino médio e ingressar na Universidade de Brasília (UnB). Ela reclama que o vê pouco, mas sabe que o menino está trilhando o próprio caminho. O mantém em seu coração e orações. Diz não se arrepender de nenhuma decisão que tomou. Mesmo as mais difíceis.

Já está na hora de partir. Arrumo as minhas poucas coisas que trouxe. Me despeço do lar que me abrigou e saio com o sentimento que fui transformado por essas 24 horas.

Não serei mais o mesmo após esse encontro com Ana Paula da Silva. Mulher, doce, comunicativa, inteligente e, acima de tudo, negra. Antes de entrar no ônibus, recebo um abraço quente, demorado e um último recado. "Vai com Deus, meu filho, te amo", finaliza.